



## **A cidade e a feira no tempo: perdas e ganhos no processo de relocação da Feira de Caruaru**

**Gustavo Miranda**

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano - UFPE

gugarec@hotmail.com.br

### **RESUMO:**

A Feira de Caruaru teve e ainda tem reflexos diretos no espaço urbano da cidade. Este trabalho mostra, em um primeiro instante, como é clara a interdependência feira-cidade no momento anterior à transferência em 1992 para o Parque 18 de Maio. Posteriormente, observa-se a necessidade dessa transferência pelos evidentes conflitos, espaciais e de gestão, no centro de Caruaru. E por fim, levantaram-se alguns indícios da existência de uma nova territorialidade no Parque 18 de Maio, levando-se a questionar se atualmente a relação dialética entre a feira e a cidade continua a existir e de que modo as transformações espaciais acarretaram perdas e ganhos ao longo desses 15 anos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feira de Caruaru, transferências urbanas, espaço público

### **ABSTRACT:**

The open-market of Caruaru had and still has direct reflexes at the urban space of the city. This study shows, in a first moment, how it is clear the street market-city interdependence at the moment before the transference in 1992 to the Parque 18 de Maio. Secondly, it is observed the need for relocation because of the space and management conflicts in the center of Caruaru. And finally, some indications of the existence of a new territoriality in Parque 18 de Maio had been arisen, taking itself to question if currently the dialectic relation between the fair and the city has continued to exist and how the space transformations had caused losses and profits throughout these 15 years.

**KEY WORDS:** Open-air market of Caruaru, urban transferences, public spaces

### **1. OBJETIVO**

O objetivo deste trabalho é avaliar os diferentes resultados da relocação espacial da Feira de Caruaru em 1992 para um espaço fora do núcleo central da cidade, observando-se o processo anterior e o posterior à transferência, através de um período de 15 anos. Para isso, foi necessário questionar se ela permaneceu em todas as fases desse processo com suas características particulares que a fizeram ter papel tão significativo nacionalmente.



## 2. METODOLOGIA

A metodologia adotada para essa pesquisa foi a histórico-documental em diversos livros e jornais, entre os anos de 1992 e 2007, além de pesquisa de campo, com observações e entrevistas na feira, tendo como meios de representação mapas e fotos que respondem a questionamentos surgidos durante a pesquisa.

## 3. PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS

Este trabalho surgiu como meio de compreender a importância que as feiras livres<sup>1</sup> possuem para as cidades brasileiras, ainda mais as nordestinas, nas quais existem meios de se realizarem as atividades mais cotidianas, desde o comércio de roupas até o de fumo de rolo ou de panelas.

Apesar de focalizar essencialmente no processo de transferência sofrido pela Feira, identificaram-se três períodos distintos na ocupação do espaço urbano de Caruaru.

### 3.1 A Feira na cidade: crescimento e desenvolvimento através do espaço urbano

Nascida juntamente com o povoado que deu origem a Caruaru há mais de dois séculos e localizada no percurso matriz<sup>2</sup> gerador da forma inicial da localidade, a pequena feira desenvolveu-se estabelecendo relações urbanas as mais diversas no centro da localidade até o início da década de 90.

Durante esse período, um comércio formal se estabelece na área central e passa a se beneficiar da atração e do grande fluxo de pessoas que o mercado ao ar livre exercia em toda a região agreste pernambucana, fortalecendo a simbiose do comércio formal com o informal da feira. Com isso, iniciou-se mais fortemente a transformação do uso do solo no centro da localidade, onde algumas habitações foram transformadas em lojas que vendiam produtos complementares àqueles da feira. Essa interdependência surgiu com a apropriação, pela convivência diária da população, desse comércio informal como demonstra Condé (1960: p. 52) ao revelar que mal se podia andar em uma rua “atravancada de gente, cavalos, barracas, mercadorias. Das portas das lojas as peças de chita de todas as cores são bandeiras em dias de festa” (Figura 1).

---

<sup>1</sup> O conceito de *feira livre* utilizado neste trabalho é diferente do utilizado por autores como Mascarenhas (1991: p.6), que considera este tipo de feira como as realizadas apenas em bairros. Para ele esse tipo de feira é denominado de *feira regional*. Porém, este termo está íntima e popularmente associado, pelo menos no Nordeste brasileiro, a feiras ao ar livre, como a de Caruaru.

<sup>2</sup> O percurso matriz, que por definição é preexistente ao uso de edificações em suas margens, tem um só andamento, retilíneo, para fazer mais curto o trajeto (Caniggia & Maffei, 1981).

**FIGURA 1:** Feira de Caruaru no centro da cidade - 1900



FONTE: Jornal Vanguarda

Com o constante crescimento e expansão da feira, ela passa a ocupar, alguns anos antes da relocação, uma área equivalente a 22.760 m<sup>2</sup>, chegando a 5000 feirantes (Tabela 1), trazendo grande fluxo de pessoas e capital à cidade. Pode-se afirmar, por conseguinte, que tanto a feira quanto a cidade só tiveram a ganhar com a localização desse comércio no centro e com as conseqüências trazidas por essa espacialidade.

**TABELA 1:** Relação do nº de feirantes x ano no centro de Caruaru.

ANOS	1964	1970	1986
Nº DE FEIRANTES	3000	4000	5000

FONTE: VERAS, 1964, p 01; RODRIGUES, 1992: p.05;  
JORNAL VANGUARDA (1986); Coordenadoria de Comunicação – PMC

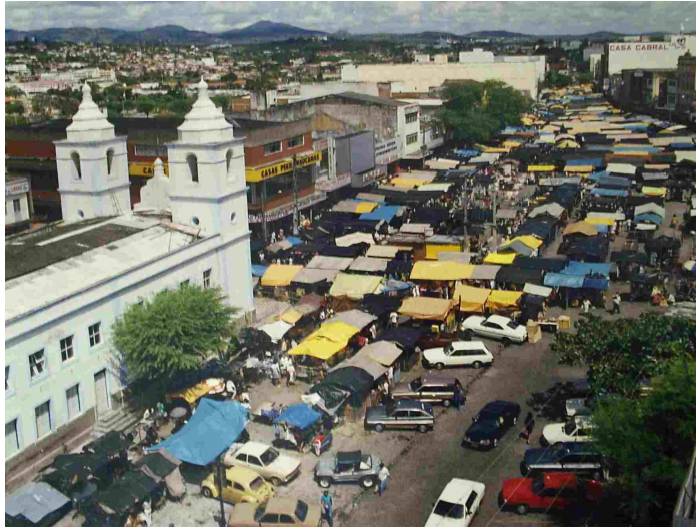
### 3.2 A Feira sem a cidade: a urgência por uma nova inserção urbana

Pelo constante crescimento do número de feirantes e reduzida área para expansões da Feira de Caruaru, o espaço ocupado por ela passou a ser insuficiente já em meados dos anos 80. Mais de 20 ruas eram ocupadas pelas barracas, principalmente a cada quarta-feira e sábado. Isso trouxe, com o crescimento da cidade além do núcleo central, necessidades antes inexistentes, o que levou sempre o poder municipal a ações paliativas.

Entretanto, no início dos anos 90, pelo aumento do número de conflitos, como engarrafamentos, queda na mobilidade e queda na qualidade da infra-estrutura para

realização das feiras<sup>3</sup>, a população passou a exigir a retirada desse comércio do centro da cidade. Isso só aconteceu porque a Feira de Caruaru não dependia mais exclusivamente da cidade, tanto que pôde ser transferida, em 1992, para uma área completamente diferente de onde ela estava (Figura 2).

**FIGURA 2:** Feira de Caruaru no centro da cidade - 1992



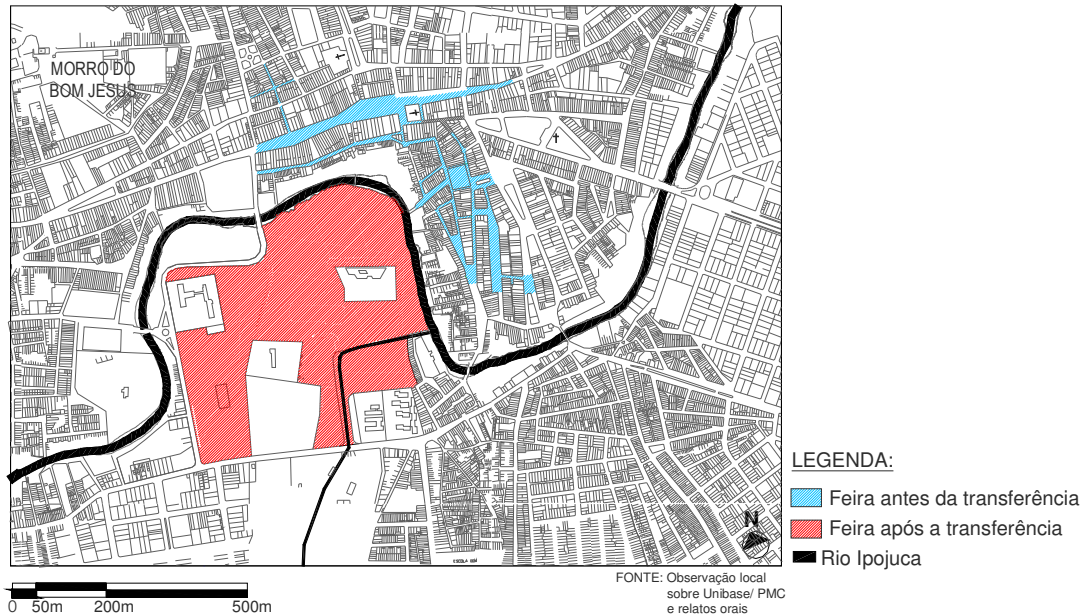
FONTE: Jornal Vanguarda

Essa relocação despertou tanta curiosidade que Rodrigues (1993: p.01) chegou a descrever esse local como um “novo teatro”, pela pujança no novo espaço que ocupava 151440m<sup>2</sup>, em uma área seis vezes maior do que o que foi ocupado nas ruas do centro (Figura 3).

Porém, esse evento não significou necessariamente que ambas saíram ganhando com a transferência da feira para o Parque 18 de Maio, já que tiveram de buscar novos meios de se relacionar entre si, o que gerou a volta depois de alguns anos de um modo de ocupação do espaço já existente, principalmente no fim dos anos 90.

<sup>3</sup> Este processo é chamado de *deseconomia de aglomeração* por Vargas (2001: p. 70) e se refere às desvantagens do espaço urbano, como citado acima, de estar aglomerado.

**FIGURA 3:** Mapa comparativo – Feira no centro de Caruaru e no Parque 18 de Maio (1992)



### 3.3 Uma feira novamente à procura da cidade?

Normalmente, as feiras livres estão inseridas no centro do tecido original das cidades. Tal fenômeno se dá pela vitalidade existente nas ruas, locais muito mais propícios à existência de espaços comerciais. De modo contrário, os espaços planejados surgem como resposta a dificuldades surgidas no processo de ocupação do espaço, no caso das feiras livres, principalmente se elas estão nos centros urbanos.

Entretanto, muitas cidades européias e norte-americanas estão utilizando as feiras livres como locais de revitalização dos seus centros. Spitzer e Baum (1995: p.1) argumentam que feiras livres brotaram novamente nesses países, atraindo de volta pessoas para o espaço público nos centros urbanos e vizinhanças.

Adotando o planejamento urbano, a solução em Caruaru foi outra, com a localização da feira livre em um espaço desenhado e dotado de infra-estrutura, mas sem as características que deram à Feira de Caruaru a relevância própria a ela.

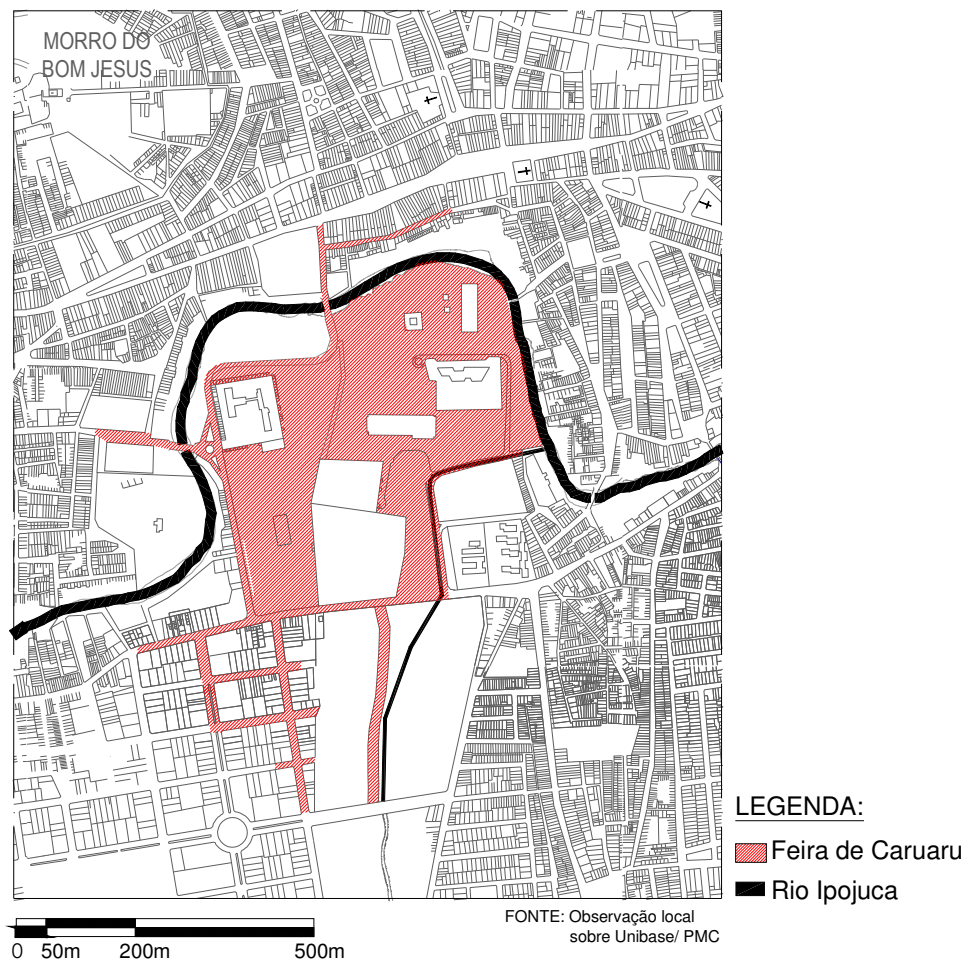
Atualmente, porém, esse comércio está tentando retomar sua conexão com o espaço urbano, através da busca pelas ruas do entorno do Parque 18 de Maio. Tudo isso resultou em uma disposição diferente do modelo planejado em 92, como mostra a Figura 4 e pode ser vista na ocupação das vias por barracas da Sulanca<sup>4</sup>, especialmente nos dias de terça-feira, quando mais de 12 mil sulanqueiros montam suas barracas de madeira e se juntam a outros 10 mil cadastrados (Tabela 2).

<sup>4</sup> Este segmento surgiu na década de 60, atuando no mercado de produtos populares de baixo custo, a partir do aproveitamento de sobras de tecidos de malha (helanca) oriundos das indústrias do Sul do País, originando assim o nome Sulanca.

O grande número de feirantes (totalizando mais de 30 mil no Parque 18 de maio e arredores) se deve ao crescimento da área ocupada em comparação ao espaço das ruas (Figura 5), o que, com o passar dos anos, acarretou novamente diversos conflitos. Dentre eles, espaciais, como citado acima na ocupação das vias, gerando uma conseqüente subutilização de áreas no interior do Parque 18 de maio. Muitas delas estão sendo ocupadas como depósito, desvirtuando o uso original planejado para elas. Outro efeito desse conflito é o aparecimento de usos diferentes dos originais dentro da feira, como “habitações” e prostíbulos (Figura 6). Ao mesmo tempo, há uma baixa vigilância social gerada pela subutilização dessas grandes áreas do Parque 18 de Maio.

Portanto, a constante busca pelo tecido da cidade revela um modelo de ocupação espacial não tão novo assim e que traz consigo relações conflituosas. Este processo mostra com clareza, apesar dos aspectos negativos, que a Feira de Caruaru está em busca novamente da cidade, pois lá existem mais possibilidades de novas relações, sejam elas urbanas ou comerciais e é por meio delas que esse grande mercado continuará como grande pólo atrator e gerador de emprego e renda em Pernambuco.

**FIGURA 4:** Parque 18 de Maio e entorno ocupados por barracas - 2007





**II COLÓQUIO (INTER) NACIONAL**  
sobre o comércio e cidade: uma relação de origem

**TABELA 2:** Dados das feiras de Frutas e Verduras, Sulanca e de Artesanato - 2006

<u>Tipo da feira</u>	<u>Nº de comerciantes</u>	<u>Nº de compradores</u>	<u>Valor comercializado 2006</u> <u>(R\$/ média)</u>
<u>Frutas e Verduras</u>	5900	20.000/ semana	<b>3 milhões/semana</b>
<u>Sulanca</u>	12000 +10000 invasores	100.000 alta estação 35.000 baixa estação	<b>22 milhões/semana</b>
<u>Artesanato</u>	400	10.000/semana	<b>20 milhões/ baixa estação</b> <b>40 milhões/ alta estação</b>

FONTE: Coord. de Comunicação – PMC, Associação dos Sulanqueiros e dos Feirantes de Artesanato de Caruaru

**FIGURA 5:** Aspecto da Feira de Caruaru no Parque 18 de maio - 2007



FONTE: PMC – Fotógrafo Roberto Silva



**FIGURA 6:** Áreas subutilizadas no Parque 18 de maio - 2007



FONTE: Prefeitura Municipal de Caruaru

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o crescimento da Feira de Caruaru e o da cidade estão intimamente ligados ao longo de mais de dois séculos, refletindo diretamente no modo como o espaço público é utilizado. Para a coexistência e extrema simbiose entre elas, essa territorialidade foi essencial. Levando-se em conta toda a importância da Feira para a localidade, puderam-se delinear três períodos situados entre 1992 e 2007, onde as diferentes ocupações espaciais revelaram modos de como se deu a relação feira-cidade.

No primeiro, foi delimitada a importância da inserção da feira na cidade, onde ficou claro que ambas ganhavam com essa intersecção nos mais diferentes níveis, seja territorial ou comercial. Porém, no período que antecedeu a transferência para o Parque 18 de Maio, essa intersecção pendia mais para o lado dos conflitos do que para os benefícios na relação feira-cidade, fazendo com que ambas perdessem com isso, pois esse comércio informal precisava de melhorias infra-estruturais, espaciais e de gestão. Sendo assim, a municipalidade a transferiu, com o apoio da população, para uma área



que sofreu intervenções, tendo sido planejada com condições diferentes das existentes anteriormente no centro.

Mas, e hoje, quem ganha e quem perde com a recente busca pela Feira de Caruaru por uma nova espacialidade no entorno do Parque 18 de Maio? Este trabalho não pretende achar uma resposta definitiva para essa questão, porém, sugere indícios de que o espaço urbano caruaruense ainda sofre influência direta da Feira, em graus maiores ou menores. Isso leva a crer que, dependendo das necessidades que surgirem, o espaço que receber a Feira de Caruaru, tomando como base o que foi mostrado neste trabalho, vai passar por transformações significativas, mas que serão necessárias para equilibrar a dinâmica urbana local, fator imprescindível para a manutenção da relação dialética entre a Feira e a cidade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANIGGIA, Gianfranco; MAFFEI, Gian Luigi. **Composizione architettonica e tipologia edilizia: lettura dell'edilizia di base**. Venezia: Marsilio Editori, 1981.

CONDÉ, José. **Terra de Caruaru**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1960. 275p.

JORNAL VANGUARDA. Caruaru: 12 a 18 abr 1986. Ano 54. N. 5876

MASCARENHAS, G. Ordenando o espaço público: a criação das feiras livres na cidade do Rio de Janeiro. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2005, vol. IX, núm. 194 (62). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-62.htm>>

RODRIGUES, Celso. **Jornal Vanguarda**. Caruaru: 13 a 20 mai 1993. 3º Caderno. p. 01.

SPITZER, Theodore Morrow; BAUM, Hillary. **Public markets and community revitalization**. Washington, D.C.: ULI – The Urban Land Institute and Project for Public Spaces, Inc., 1995, 120 p.

VARGAS, Heliana Comin. **Espaço terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001, 335 p.

VERAS, Aristides. Deve a feira desaparecer? **Jornal Voz do Agreste**. Caruaru: 14 jun 1964. Caderno Principal, p.1.